



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O BLOG E A FORMAÇÃO DE LEITORES: DESAFIOS, AVANÇOS E PERSPECTIVAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Vera Lúcia da Silva*
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho parte de uma reflexão inicial a respeito das práticas de leitura, para depois problematizar o potencial do blog como espaço para formação do leitor crítico, assim como o papel do professor diante dessa e de outras novas mídias. Além disso, serão discutidos os lugares da informação, da opinião, da experiência e do conhecimento/sabedoria nesse suporte de textos, bem como as forças de permanência de situações dadas pelos poderes estabelecidos e as forças de mudança articuladas através da leitura e da escrita de um sujeito que pretende ir além do acúmulo de textos e de informações.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Blog. Mídias.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende pensar a formação de leitores a partir de um novo suporte textual, o blog. A escolha desse tema deveu-se à inquietação acerca das implicações inerentes aos novos processos de formação do leitor em um

*Estudante do Curso de Especialização em Mídias e Educação UESB, professora da Rede Estadual da Bahia, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade PUC-Rio e bolsista Cnpq, E-mail: vsilva.lucia@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

contexto em que, ao que parece, a mídia impressa, em especial o livro, não tem sido suficiente/eficiente para dar conta dessa tarefa.

Um dos indicadores que evidenciam em certa medida esse fracasso são os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) referentes ao ano de 2011 recém-divulgados e alardeados pelas mídias de massa: a média brasileira em 2011 é de 4,7. O resultado da Bahia é um dos mais baixos do país: 3,9⁶⁹⁰. As análises desses resultados apontam para a falta de leitura como alavanca central do insucesso dos estudantes nos exames e da própria evasão.

É importante lembrar que a leitura no Brasil colônia era direito garantido aos portugueses, senhores de engenho, administradores, jesuítas, ao clero, ou seja, àqueles que representavam diretamente os interesses da metrópole. Aos outros, negros e índios, não lhes era permitido ler nem sua própria realidade, suas culturas eram exorcizadas, subvalorizadas e marginalizadas pela força e pela palavra.

Sobre esse aspecto, Luckesi (1985, p. 131) afirma que no período colonial “Uns poucos leem e têm reconhecido efetivamente seu direito de ler. Aos outros é usurpado este mesmo direito”, tanto no atinente à leitura da realidade quanto das palavras. A cultura a ser lida não era a dos excluídos; antes esta era negada, silenciada em nome da construção de um discurso hegemônico e europeu de nação.

O colonizador tanto sabia da importância da leitura que proibiu violentamente a implantação de gráficas no país até 1808, como forma de coibir a veiculação de impressos elaborados na/pela colônia. Nesse contexto, a imprensa pós-instalação da família real no Brasil atendia estritamente aos interesses da realeza. Produziam-se suportes de texto direcionados a um público específico.

Embora hoje, as legislações do Brasil assegurem o direito de aprender – e consequentemente de ler - as condições de leitura em muito se assemelham com as

⁶⁹⁰ Dados obtidos em <http://www.portalideb.com.br/estado/105-bahia/ideb>.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

do período colonial, visto que o direito de ler continua sendo negado, seja através da ausência de material de leitura em seus variados suportes ou pela falta de formação adequada para que os professores possam lidar com novas perspectivas de construção de um leitor que não entende mais a leitura como prática encerrada em papéis e livros. Acrescenta-se a isso o fato de a escola esmerar-se na construção de não leitores a partir de práticas permeadas de verbalismos, de repetições, memorizações e opressões, embora, conforme Zilberman (1988, p. 5), “a escola seja o espaço propício para o exercício e valorização da leitura”.

A prática leitora na escola, longe de ser puramente pedagógica, é essencialmente política: ou quando se reveste de uma falsa neutralidade, ou quando se compromete com a “recuperação da humanidade do oprimido”, palavras de Freire (1992, p. 9). É nela que os exilados, as minorias, os marginais encontram condições para a luta contra o poder ou sua “linha de fuga” como nos sugere Deleuze (1998). Por isso mesmo, na medida em que as tecnologias modernas criam outros espaços de combate, outros espaços de ler e escrever discursos é que se torna imprescindível para a escola contemporânea apresentar a seus sujeitos sociais outros espaços de leitura e escrita.

A metodologia utilizada para esse trabalho foi pesquisa bibliográfica, segundo o que nos fala Lakatos e Marconi (1987, p. 66). Segundo elas, esse tipo de pesquisa consiste no levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre determinado assunto. As fontes a serem exploradas podem ser “livros, enciclopédias, revistas, jornais, folhetos, boletins, monografias, teses, dissertações e material cartográfico”.

Para enriquecimento dessa pesquisa foram realizadas visitas a diversos blogs – citados nas referências bibliográficas, a fim de poder contrapor o que é discutido nos textos teóricos acerca da leitura e do próprio potencial dessa ferramenta como espaço propício à formação do leitor.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para Galera e Carneiro (2010, p.1) com a ajuda da tecnologia é possível “despertar o interesse dos alunos pelas aulas, visto que as tecnologias da informática, em especial o computador com acesso a internet, ocupam significativa parte do tempo da maioria dos estudantes, em contraponto a sua dedicação aos trabalhos escolares.” As pesquisadoras apontam como potencialidade da grande rede o uso do blog como espaço de fomento à leitura.

Os blogs, ou web blogs, tomaram corpo no final dos anos 90, tendo rápida expansão pela própria facilidade de produção, uma vez que não são necessários maiores conhecimentos de linguagem HTML para lidar com esse recurso tecnológico.

Possibilita ainda atualização fácil e diária, sendo comum aos blogueiros apresentarem registros diários a partir de situações vivenciadas no cotidiano. Por essa característica marcante, os blogs são classificados como substitutos do diário no formato de caderno – teríamos então um diário em formato eletrônico.

Na atualidade, a diversidade temática em blogs é cada vez maior. O ambiente é utilizado para discussão de ideias, divulgação de textos de autores no circuito do que se concebe como grande literatura ou de produções de sujeitos comuns e alheios à academia e sem pretensões editoriais.

É ainda largamente utilizado na divulgação de trabalho de instituições das mais diversas naturezas, desde salões de beleza até organizações não governamentais, por exemplo, sem esquecer-se daqueles utilizados por professores para socialização de projetos ou atividades realizadas no âmbito escolar.

Parece-me então, que o blog atende à necessidade de informação e comunicação. Acresce-se a isso a possibilidade de opinar através dos comentários feitos a partir dos posts. Assim, a solidão pós-moderna é amenizada nesses espaços, ou talvez vivenciada de outra forma (através da proteção, da invisibilidade possíveis no mundo virtual). Além disso, o tempo e o espaço para



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aquisição de conhecimento, para a escrita e para o estabelecimento de relações sociais/afetivas tornam-se flexíveis: em qualquer lugar e em qualquer hora. O que era a princípio uma escrita de si, passa a ser também a escrita de um certo mundo.

Tem-se utilizado o termo interatividade para falar das características de uma gama de instrumentos, objetos ou meios – televisão, rádio, computador, celular, sistemas bancários, ambientes educativos, estratégias de propaganda e marketing, manifestações artísticas entre outros. Em suma, é possível dizer que o termo é utilizado para tudo que permite maior ou menor participação do público, daquele que quase sempre esteve de fora dos processos de comunicação envolvendo a máquina.

Para Demo, o uso de tecnologias voltadas para a interatividade e acessadas por meio da internet é um imperativo, visto que nela se

escreve porque quer interagir com o mundo. A linguagem do século XXI – tecnologia, internet – permite uma forma de aprendizado diferente. As próprias crianças trocam informações entre si, e a escola está longe disso. Não acho que devemos abraçar isso de qualquer maneira, é preciso ter espírito crítico - mas não tem como ficar distante. A tecnologia vai se implantar aqui “conosco ou sem nosco”. (DEMO 2008, p.8).

Acredito que o blog seja um meio importante e válido nesse desejo de interação com o mundo do qual nos fala Demo (2008), a partir do momento que constitui espaço de debates, comentários (já uma produção textual), murais virtuais, compartilhamento de textos através dos posts, oferta de ampliação do conhecimento por meio dos hiperlinks. Além disso, o visitante do blog, no momento em que se identifica através de um e-mail, abre mais uma possibilidade de interação com quem abriu o debate ou simplesmente postou um texto. Essa comunicação é possível, inclusive com escritores já reconhecidos no meio literário e acadêmico, o que contribui beneficentemente para dessacralizar a figura do autor e do texto literário.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para pensar acerca da linguagem visitei alguns blogs de leitura e de fato, as questões já discutidas aqui se aplicam à maioria deles, pois há alguns que se limitam a espaços de postagens de textos em que predominam características da escrita meramente informativas. Dentre os visitados, foi escolhido o exemplo que se segue, colhido no [HTTP:// WWW.palavralida.blogspot.com.br/editado](http://WWW.palavralida.blogspot.com.br/editado) por Renata Costa:

Outra obra de tirar o fôlego. E o melhor: para as crianças. Ou, se você preferir, para toda criança que existe em todos nós.

Maria é criada em um circo. Aos dez anos, após a morte de seus pais ela passa um tempo com Barbuda e Foguinho, seus protetores, mas precisa ir viver com sua avó materna, que ainda é viva e reclama a neta. Aparentemente, após perder os pais, Maria não se lembra de nada; ficou com aquele vazio de memória que costumamos construir quando a dor aperta.

Então ela ganha uma corda do marido de sua avó. Fica superfeliz porque poderá matar a saudade do que fazia no circo. Sim, ela era equilibrista, assim como seus pais. Aquela arte que totalmente imita a vida, pois é assim que passamos por ela – nos equilibrando em uma corda fininha (vida) e buscando não cair com os obstáculos. (COSTA, 2012).

A editora do palavralida apresenta o livro de Lígia Bojunga – Corda bamba, como quem conversa em uma roda de leitura; diz das suas impressões, cria analogias que certamente deixarão o leitor curioso e desejoso de buscar o livro para acessar o texto integral. O léxico é interessante, com expressões e sintaxe próprias da oralidade: “superfeliz”, “obra de tirar o fôlego”, “ficou com aquele vazio de memória que costumamos construir quando a dor aperta”, “sim, ela era ...”.

O educador tem buscado cada vez mais meios para promover a aprendizagem dos alunos. Tal ação na atualidade constitui-se de desafio, em especial quando se trata da aprendizagem da leitura. Esse aprender envolve dar significados às práticas de leitura, já que obrigar os alunos a isso não funciona mais. Para Galera e Carneiro (2010, p. 2) “essa significação é reflexo do meio em que ele vive, mas como nem sempre ele encontra modelos na família e na



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sociedade, cabe à escola e ao sistema educacional a função de proporcionar essas práticas”.

É importante que as práticas de leitura sejam significativas e prazerosas, mas é preciso pensar em estratégias que deem conta de envolver integralmente os indivíduos e despertar os múltiplos interesses. Certamente, a obrigação, a leitura para nota não formará nenhum leitor. Nesse sentido, Assis (2002, p. 14) afirma que “obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura”.

Para Galera e Carneiro (2010, p.2) “a introdução de uma prática que contemple as reais vivências do aluno na sociedade tecnológica” é imprescindível. Não há dúvida de que a escola deve estar atenta a essa realidade, uma vez que as relações de ensino-aprendizagem encontram-se em constante deslocamento. Nesse cenário, o blog, por sua facilidade de operacionalização, mostra-se como importante recurso tecnológico entre os disponíveis na Internet, além de espaço possível para a leitura e a escrita no século XXI.

Outro aspecto é a possibilidade de ampliar os espaços e tempo para o ensino-aprendizagem, vez que o uso do blog permite ao aluno escolher em qual tempo e espaço estudar, como também decidir sobre a quantidade e a qualidade do tempo dispensado para os estudos, ou seja, estamos falando também em autonomia, competência para decidir com menor intervenção daquele que ensina.

Talvez então, seja possível crer que essa ferramenta se constitua em potencial espaço de leitura e escrita dos mais diversos tipos de texto, por sua versatilidade e poder de atração junto aos jovens, sujeitos do conhecimento. Acrescenta-se a isso o fato de que o protocolo de leitura exigido em ambientes virtuais – através de hiperlinks – é conhecido por boa parte dos alunos (ao menos daqueles do meio urbano). O movimento de liberdade realizado de leitura em leitura, de leitura à escritura é um possível atrativo na contemporaneidade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Não há como falar de utilização de recursos inovadores, de práticas de leitura em suportes para além do papel, sem pensar o papel a ser desempenhado pelo professor no contexto em questão. Para o professor Demo (2008, p.1) o ensino através da utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação é um imperativo, no entanto não “devemos abraçar isso de qualquer maneira, é preciso ter espírito crítico”. Lembro que esse docente, em sua maioria, não faz parte dessa geração web 2.0 e trabalhar com essa tecnologia constitui certamente um grande desafio.

A respeito disso, Nóvoa (2009, p.3) chama atenção para o fato de que os professores neste século XXI reaparecem como “elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios” do “desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias”, embora muitos desses docentes, de quem se exige essa apropriação, permaneçam por diversos motivos ainda à margem dos acessos necessários a isso.

Acrescento aqui o fato de que os tempos e os espaços educativos foram relativizados, assim como a própria relação professor-aluno, vez que as referências passam a ser também virtuais, pois os avanços na produção de ambientes virtuais de aprendizagem cada vez mais interativos são consideráveis. Alguns vêem nisso um anúncio de um apocalipse em que teriam fim as salas de aula convencionais, o calendário escolar organizado em duzentos dias letivos e da própria presença material do professor. Acentuo que essa nova configuração de escola, talvez resolva problemas como o excesso de burocratização das instituições e das desigualdades na oferta do ensino, mas dadas as dificuldades de acesso às novas tecnologias em nosso país, talvez ela também possa contribuir para acentuar a falta de equidade.

Nesse contexto, cobra-se cada vez mais a formação docente para um trabalho mediado pelas novas tecnologias. Porém é preciso pensar a formação



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

docente de dentro da experiência do professor, de suas crenças e realidades, já que o habitual é as secretarias de educação “comprarem” pacotes prontos para serem aplicados por professores da universidade responsável por eles. Quero dizer com isso que é preciso pensar a formação do lugar de quem está em contato com o aluno, e de preferência atribuir a função de mediador a um professor que tenha experiência em sala de aula da educação básica e que esteja o mais próximo possível da comunidade atendida. Notocante a isso Nóvoa (2009, p.6) alerta para a necessidade “de construir políticas que reforcem os professores, os seus saberes e os seus campos de atuação, que valorizem as culturas docentes, e que não transformem os professores numa profissão dominada pelos universitários, pelos peritos ou pela indústria do ensino”.

Sem intenção de concluir, traz-se aqui a pertinente discussão de Bondía a respeito de nós como seres de e da palavra

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (BONDIA, 2002, p.21)

A definição acima possibilita pensar que em uma modernidade dominada pela técnica e pela máquina, produtora de um sujeito pós-moderno fragmentado e pasmo diante do fracasso da ciência como algo capaz de tornar a vida mais humana, menos bárbara e desigual, o homem, como um ser de palavra e na palavra, ainda pode crer na potência de mudança através dela e nela.

Penso ser possível dizer que quando um indivíduo cria um blog, ele quer fazer algo com a palavra, a partir dela dar um certo sentido ao mundo e a si



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mesmo, nomeando o que vê e sente. Por isso mesmo, esse suporte deve ir além da mera informação. Bondía em uma leitura benjaminiana discute que

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados, a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência.(BONDIA, 2002: p.21)

Passa-se muito tempo buscando informações, quanto mais melhor, as pessoas parecem precisar delas, e em possuindo-as o sujeito da informação sente-se capacitado a opinar. Nesse ponto, lembro a escola contemporânea imbuída no seu propósito de fazer da aprendizagem algo significativo, na verdade o que ela faz é muitas vezes oferecer uma gama de informações para depois solicitar do aprendiz uma opinião, isso então seria a famigerada aprendizagem significativa.

Ao desejar a informação (algo impossível dada a velocidade e a instabilidade dela) e fazer da opinião um imperativo, o indivíduo passa por tudo sem ser tocado, atravessa sem ser atravessado: perde a possibilidade da experiência. Benjamin (Apud Bondía 2002, p.23) afirma que as condições propícias à experiência continuariam “caindo até que seu valor” desaparecesse de tudo.

Nesse sentido, a escassez de tempo, o cotidiano veloz, a necessidade constante de excitação, a incapacidade de interromper a tagarelice e praticar a escuta são decisivos para a criação do que Bondía (2002, p.23) nomina de “sujeito do estímulo” como aquele “da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece”. Há muitas imagens, fatos felizes e trágicos, informações em profusão, mas tudo passa sem que nada aconteça ao sujeito da informação.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O blog para além da informação e da necessidade de opinar com base nela - muitas vezes isso se reduz a ser contra ou a favor - é um lugar potente para a experiência através da e na palavra. A escrita seria então uma espécie de duplo capaz de promover semelhanças, aproximações entre um eu e outro, um lugar de circulação da vida onde há acontecimentos capazes de nos tocar, de fazer com que algo nos aconteça. A condição humana, algo segundo Morin (2003) da ordem da aprendizagem, possivelmente seria experimentada e aprendida.

É pertinente trazer à discussão o que ele nos diz a respeito da aquisição da sabedoria como algo que tem a ver com a forma “como iremos usar o conhecimento em nossas vidas” como o que sobrevive à avalanche de idéias, de conceitos, de informações e de opiniões a que os homens desse início de século estão expostos, submetidos e aparentemente incapazes de reagir frente à situação dada.

Essa situação é mostrada pelas mídias de massa ininterruptamente através de variados recortes, mas sempre no sentido de convencer que há uma ordem estabelecida, um destino inexorável a respeito do qual nada se pode fazer, mas que apesar do outro, do seu sofrimento: é possível viver. Assim, para Pucci (2006) sugere que nesse contexto o indivíduo desaparece, diluído, catalogado, numerado e etiquetado. Dessa forma, esse indivíduo a quem tanto é dito e mostrado, torna-se alguém com muitas informações, capaz de dar opiniões pretensamente suas sem perceber que elas são exatamente aquelas desejadas por uma certa “opinião pública”. Na verdade, o sujeito da informação é desprovido de crítica e incapaz de se indignar, de pensar de forma autônoma, portanto é incapaz também de manifestar indignação e inconformismo diante dos poderes estabelecidos.

Diante disso, proponho pensar o blog como espaço de linguagem, em especial da palavra, e como tal espaço de luta e de negociação de significados e espaços políticos em que mais importante que encher cabeças de informação é saber organizar o conhecimento, transformá-lo em sabedoria evitando sua



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

acumulação vazia e inútil para o entendimento da nossa condição humana. Esse suporte atenderia então o que Morin diz ser a missão de um ensino com vistas a uma “cabeça bem feita”

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (...) a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas. (MORIN, 2003:p.11)

Para que não só o blog, mas todos os espaços de aprendizagem oportunizados pelas novas tecnologias da informação e comunicação, funcionem como lugares de aquisição não só de conhecimento, mas de liberdade, de pensamento e humanização é preciso que uma reforma de pensamento aconteça a partir dos sujeitos da escola – em especial dos professores e alunos. E essa reforma pode dispensar inicialmente os números do IDEB e pacotes prontos de formação, ela, a meu ver, deve começar com perguntas.

Assim, a reforma de pensamento, poderia ser analisada através da transformação das informações dos blogs, dos conhecimentos conceituais e posteriormente em sabedoria com mudanças de atitudes. O ato de ler teria uma compreensão crítica da leitura busca de ver o invisível, o não dito, por trás da ferramenta dos blogs.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

- BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução: Wanderley Geraldi. Unicamp, 2002.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DEMO, Pedro. **Pedro Demo aborda os desafios da linguagem no século XXI**. Disponível em: <http://nreitaperuna.blogspot.com/2009/08/pedro-demo-aborda-os-desafios-da.html>>. Acesso em: 11 novembro de 2012.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler: Em três artigos que se completam**. 27 ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- GALERA, Justina Inês; CARNEIRO, Mára Lúcia Fernandes. **O Blog: Espaço de Incentivo à Leitura**. UFRGS, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- LUCKESI, Cipriano. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- MEC/SEF. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Língua Portuguesa**, 3 ed. Brasília: A secretaria, 2001.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa, 2009.
- PUCCI, Bruno. **O trágico e o riso na indústria cultural: a catarse administrada**. In Sociologia da Educação. Leituras e Interpretações/ Alonso Bezerra de Carvalho, Wilton Carlos Lima da Silva (org.); Alonso Bezerra de Carvalho [et al]. – São Paulo: Avercamp, 2006.
- THEODORO, Ezequiel; ZILBERMAN, Regina (Org). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.